

CRÍTICA INSUBMISSA: ÁLVARO LINS E A RESISTÊNCIA ÀS MISTIFICAÇÕES DA TEORIA

Eduardo Cesar Maia Ferreira Filho*

 <http://orcid.org/0000-0002-2804-6030>

Como citar este artigo: FERREIRA FILHO, E. C. M. Crítica insubmissa: Álvaro Lins e a resistência às mistificações da teoria. *Todas as Letras – Revista de Língua e Literatura*, São Paulo, v. 26, n. 1, p. 1-9, jan./abr. 2024. DOI: <https://doi.org/10.5935/1980-6914/eLETDO16845>.

Submissão: 3 de março de 2024. **Aceite:** 9 de março de 2024.

Resumo: O artigo propõe uma reflexão sobre as argumentações do crítico literário Álvaro Lins em defesa da prática da crítica jornalística como atividade intelectualmente rigorosa e apta a lidar com a complexidade do fenômeno literário. A postura de cautela e ceticismo em relação à real capacidade que teorias e sistematizações monistas e generalizantes têm de dar conta, de maneira cabal, da complexidade da realidade literária é uma das marcas do pensamento do crítico literário pernambucano, um dos mais importantes e influentes representantes da chamada Crítica de Rodapé.

Palavras-chave: Álvaro Lins. Crítica literária. Jornalismo. Teoria da literatura. Crítica de Rodapé.

* Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Recife, PE, Brasil. E-mail: eduardocesarmaia@gmail.com

INTRODUÇÃO

■ **A**s constantes reavaliações das vertentes, crises e transformações da crítica literária brasileira no século passado – período marcado por vertiginosas mudanças tecnológicas nos meios de divulgação e pela ascensão do paradigma acadêmico e teórico no campo crítico – sofrem, a nosso ver, de uma limitação de perspectiva que raramente é problematizada. Grande parte do exame de uma história crítica marcada pelos conflitos e pelas polêmicas entre o paradigma da crítica jornalista (a “derrotada”) e os valores e as metodologias da crítica universitária (a “vencedora”, pelo menos no sentido de ter se tornado o principal local de legitimação dos valores literários) é feita a partir justamente de critérios estabelecidos no próprio campo acadêmico.

Para entendermos o desenvolvimento de nossa crítica literária na história, em sua radical complexidade, como uma espécie de *tradição da contradição*, é fundamental a escuta de vozes dissonantes – afinal, ninguém detém a verdade última e inquestionável na seara, antidogmática por definição, da atividade crítica.

A reação e a série de advertências, por parte do crítico literário e ensaísta pernambucano Álvaro Lins (1912-1970) – figura eminente do Rodapé Literário no Brasil –, cético a respeito das altas pretensões de teorias e métodos monistas de apreciação literária, apontavam para as limitações naturais das então novas abordagens acadêmicas diante da abrangência e complexidade do fenômeno literário. A investigação dessa disputa pelo local de legitimidade e autoridade dos juízos críticos, acreditamos, transcende o mero interesse historiográfico; nosso objetivo central nestas páginas, então, será o de revelar, por meio do reexame da resistência crítica de Álvaro Lins e de seus argumentos em defesa da dignidade da crítica jornalística, a atualidade e relevância dessas questões no debate crítico de nosso próprio tempo.

PRUDÊNCIA E CETICISMO COMO VALORES CRÍTICOS

Para uma compreensão inicial da posição de Álvaro Lins, destacam-se dois elementos: primeiramente, seu exercício sistemático como crítico jornalístico, empenhado na análise de obras, na maior parte das vezes, recém-lançadas e ainda não consagradas ou rejeitadas no mundo letrado; em segundo lugar, a fundamentação eminentemente humanista de seu pensamento crítico e de suas concepções filosóficas basilares. A repercussão, em seu ideário crítico, de diversas correntes intelectuais de inclinação refratária ao racionalismo idealista hegemônico no Ocidente – marcadamente o historicismo filosófico de Benedetto Croce, a filologia nietzschiana, o perspectivismo de José Ortega y Gasset, o intuicionismo de Henri Bergson e a hermenêutica de Wilhelm Dilthey – é tema que carece, ainda, de um estudo detalhado, mas tais influências são explícitas e perspicuas em diversos textos do crítico literário. Na nota de número LXXIII de *Literatura e vida literária: notas de um diário de crítica* (Lins, 1963, p. 61-62), por exemplo, o caráter vitalista de suas concepções críticas é esboçado como um elemento de cautela intelectual diante dos fenômenos artísticos:

A vida, ela própria, tem teses, doutrinas, ideologias? Sabemos que não. É certo que cada homem resume em si mesmo a vida toda; cada homem é a própria vida. E como também é certo ter cada homem uma direção pessoal e incon-

fundível, deve-se concluir que a vida tem tantas direções quantos são os homens. O que quer dizer: não tem uma direção. Eis porque a arte que se identifica com a vida (com a vida total: orgânica e psicológica, física e metafísica, natural e sobrenatural) não tem igualmente uma direção que se possa constituir numa tese ou doutrina.

Vejamos agora com um grau maior de detalhamento como o crítico, em momentos diversos, refletiu sobre o tema.

Em relação à possibilidade de adoção de métodos científicos no âmbito dos estudos literários, Lins assumia uma posição que variava da prudência ao ceticismo. Para ele, primeiramente, fazia-se necessário entender os objetivos específicos de cada tipo de crítica e, ainda, a natureza da obra a ser analisada, para que se estabelecesse a forma mais adequada de interpretação e julgamento:

A crítica tem um caráter casuístico. Ela se exerce de um modo especial em face de cada livro e de cada autor. Assim, não se devem ter regras duras para apreciar um livro, mas deve-se fixá-lo dentro de suas próprias condições, respeitando-lhe as tendências mais íntimas e o que há de mais particular na pessoa do seu autor (Lins, 1963, p. 83).

Não haveria, portanto, de antemão, uma superior (e exclusiva) maneira de se analisar qualquer tipo de obra literária, independentemente da situação. Para cada circunstância e contexto, haverá uma forma mais apropriada, de acordo com os fins esperados. O crítico, então, deve ser dotado de flexibilidade metodológica, instinto, intuição e, ainda, bom senso para distinguir, em cada caso, qual aparato metodológico convém ou não aplicar. Assim, colocando-se contra a tendência dominante em favor do monismo metodológico (Martins, 2002, p. 42), Álvaro Lins, impressionista renitente, endossava um saudável ecletismo, pois, para ele, nenhum método precisa suprimir a existência do outro, ainda que eles possam ser mutuamente incompatíveis numa mesma análise literária.

Entendendo que nenhuma concepção teórica ou método analítico poderia esgotar completamente a complexidade do fenômeno literário, Lins defendia a utilização de quaisquer ferramentas ou abordagens que pudessem lançar perspectivas inteligentes e enriquecedoras sobre a obra de arte literária, desde que não acabassem se tornando fatores de limitação da perspectiva individual do crítico, levando-o à armadilha de adotar uma visão parcial que se pretende totalizadora. Um exemplo, nesse sentido, é o comentário crítico que ele fez sobre um livro de Nelson Werneck Sodré, *História da literatura brasileira*, o qual procura elucidar o desenvolvimento da literatura no Brasil por meio de seus fundamentos econômicos. A partir da identificação dessa pretensão na obra do colega, Lins (1941, p. 220) realizou uma interessante reflexão a respeito das tentativas de explicar a literatura por meio de disciplinas específicas (a economia, no caso):

[...] não que eu vá negar os fundamentos econômicos de uma literatura; mas é que a investigação isolada destes fundamentos acabaria por resultar uma obra parcial e mutilada. Num corpo coletivo, vivo e complexo, como é a literatura, a localização de um fundamento, com exclusão dos outros, implica sempre uma mutilação.

Em outro ensaio crítico que aborda problemática semelhante, dessa vez no campo da historiografia, Álvaro Lins reconheceu o grande valor intelectual de

Caio Prado Jr., mas mostrou como sua a pré-orientação marxista, baseada na atenção quase exclusiva aos postulados do materialismo histórico, o fez assumir verdades e valores anteriores à pesquisa concreta, o que terminava levando a “visões parciais e mutiladas” (Lins, 1944, p. 143), mas que se pretendiam objetivas e absolutas. Lins criticava, na abordagem marxista de Prado Jr., justamente o determinismo econômico, que obliterava outros fatores importantes na constituição dos valores de uma sociedade e nas motivações dos acontecimentos históricos. Entre outras “falhas”, Álvaro Lins (1944, p. 143) aponta, por exemplo, que o historiador “exagera sem dúvida quando vê na colonização portuguesa, inclusive nos seus reis, uma simples empresa comercial”.

Diz muito sobre o antidogmatismo de Lins o fato de ele nunca ter se recusado a dialogar com a perspectiva marxista, mesmo antes de sua “conversão” política, numa época – compreendida entre o período da Segunda Guerra Mundial e parte da chamada Guerra Fria – em que as tensões ideológicas levavam muitos intelectuais a assumir posições de radical sectarismo, de um lado ou de outro. Apesar de haver criticado o marxismo em muitas ocasiões, Lins nunca assumiu uma postura de radical e inflexível oposição, mesmo antes de sua guinada política à esquerda. No ano de 1945, por exemplo, num artigo chamado “Literatura e marxismo”, o crítico refletiu abertamente sobre a importância fundamental que a teoria marxista tinha na época e reconheceu sua incontornável centralidade nos debates intelectuais e políticos de então. Apontou, ainda, o que ele via como “insuficiências” dessa abordagem filosófica. Para Lins (1947, p. 44), era necessário conhecer e reconhecer o marxismo como

[...] uma das correntes mais atuantes da cultura moderna. Extraordinário instrumento de crítica, investigação e conhecimento, o marxismo não pertence somente aos seus partidários ortodoxos, mas deve ser utilizado no estudo objetivo de quaisquer problemas dos nossos dias, ainda que venham a ser resolvidos sob a influência de outras convicções.

Álvaro Lins percebeu que era preciso – e imprescindível – compreender o marxismo para dialogar com o seu tempo, mesmo sem tomá-lo como convicção ideológica. Afirmou também que muitos dos escritores de esquerda eram leitores superficiais da doutrina e só apresentavam caricaturas do pensamento marxista: “Não só são os seus adversários que deformam o sistema” (Lins, 1947, p. 44).

No que concerne às relações entre o marxismo e a crítica literária, Lins (1947, p. 47), fiel à sua visão vitalista de arte e literatura, apontava os limites da utilização de qualquer teoria para a explicação do fenômeno literário:

Uma crítica marxista que se fosse ligar estritamente aos textos de Marx e Engels estaria mutilada pela sua limitação, pela sua incapacidade de fixar as forças íntimas, obscuras e misteriosas que animam a vida interior do artista.

Marx não considerava, segundo o crítico, os elementos psicológicos e individuais, somente os fatores materiais, históricos e coletivos. Em Shakespeare, por exemplo, Marx não buscaria “o gênio poético e dramático, os caracteres originais de sua personalidade, mas o papel social do dinheiro no enredo de suas peças” (Lins, 1947, p. 47). A perspectiva fornecida pela ferramenta teórica marxista, então, só seria aguda e eficiente para caracterizar o elemento histórico e sociológico das obras, o que representa somente uma parcela da muito mais complexa realidade literária. Assim, as abordagens marxistas na crítica de literatura, se

utilizadas, deveriam ser sempre complementadas com outros tipos de abordagem e considerações, para que não apresentassem uma visão mutilada das obras.

COMPLEXIDADE E DINAMISMO DA ARTE COMO ADVERTÊNCIA ÀS PRETENSÕES DA TEORIA

Já no âmbito, propriamente, da realização literária, Álvaro Lins (1943, p. 256) não escondia sua predileção por obras que extrapolavam os esquematismos, fossem eles de ordem política, moral ou estética: “As obras mais perfeitas e mais duradouras são exatamente aquelas que se realizaram acima das escolas e dos sistemas, acima de quaisquer esquematizações teóricas”. Para ele, “Os conceitos filosóficos de arte não podem nada sobre a obra de arte em si mesma. Através de uma poética imperfeita o poeta pode realizar uma perfeita obra de arte” (Lins, 1941, p. 45).

O romance, na opinião do crítico, seria o gênero literário que causa mais embaraços e inconvenientes aos teóricos. Para Lins, as constantes novidades e transformações no gênero, principalmente no século XX, inviabilizavam normas de gênero fechadas e prescrições teóricas rígidas por parte dos pensadores da filosofia da arte e da estética. O que fundamentaria uma avaliação estética de um bom romance não seria a obediência a um determinado padrão ou regra, mas uma espécie de independência, uma forma de pulsação vital interior que guia a estrutura da obra e que nos convence, a partir dessa organicidade construída pelo artista, de sua própria realidade como ente de ficção. Em relação ao romance do século XX, por exemplo, Lins (1944, p. 106) acreditava que ele teria assumido uma “Grandeza de tais proporções que a teoria não pode acompanhar a realização concreta”. Dessas limitações é que partia o reconhecimento fundamental, por parte do ensaísta, de que a atividade teórica não deve assumir o lugar da crítica literária, muito menos ser tomada de maneira prescritiva, no sentido de tentar conduzir ou orientar as realizações artísticas. Cabe ao crítico, pois, tentar se adequar à fluidez vital das formas artísticas e tentar dar conta, sempre de forma precária, do intenso dinamismo e da complexidade do fenômeno artístico:

[...] uma lei de todos os gêneros literários consiste no imprevisto, se é que se podem juntar estes dois termos. Faz parte do destino dos artistas a capacidade de ultrapassar, com suas obras, as teorias dos filósofos da arte. A literatura não seria um organismo vivo se não fosse capaz de tais surpresas, se fosse incapaz de se renovar e se continuar em novas formas, como a própria vida, da qual é uma imagem em categoria de síntese (Lins, 1947, p. 106).

Esse fragmento deixa patente, mais uma vez, a concepção profundamente vitalista de arte (e de crítica) assumida por Álvaro Lins. Nessa perspectiva, os limites conceituais e metodológicos na crítica e na teoria literárias se devem, antes de tudo, à própria natureza artística da literatura, que ultrapassa em alcance qualquer modelo ou esquema de caráter meramente explicativo, pois “o destino de transformar as realidades do mundo em conceitos é o da ciência; o da arte é o de transformar essas mesmas realidades em percepções” (Lins, 1943, p. 121). Além disso, considerava que “O erro mais grosseiro da crítica será o de querer medir, com uns ares científicos de mistificação, a obra de arte. O erro de querer impor-lhe regras, normas, escolas” (Lins, 1943, p. 281).

NOTAS SOBRE A FILIAÇÃO HUMANISTA DO CRÍTICO

Uma das características mais importantes da tradição crítica humanista, à qual filiamos o ensaísta pernambucano, é o entendimento de que as grandes questões humanas não podem ser bem compreendidas se tratadas como realidades compartimentadas e estanques: os domínios da política, da arte, da religião ou da ética são respostas humanas diversas a interpelações existenciais diferentes, porém indissociáveis, confluentes e interativas. A partir de tal concepção, a literatura participaria da história de uma forma dialógica, fazendo parte de uma grande e interminável conversação a respeito de todos os tipos de situações e problemas vitais, sejam eles de natureza mais propriamente individual, sejam de abrangência mais social. As obras de arte literárias, assim, suscitariam, antes de tudo, um tipo de conhecimento ligado à experiência vital, ao diálogo entre os seres humanos; isso porque, diferentemente das proposições da lógica ou da ciência, elas não se propõem simplesmente a apresentar enunciados verdadeiros: elas problematizam certos aspectos difíceis da realidade humana.

A literatura, assim compreendida, aparece como um ponto de irradiação e de discussão de toda sorte de valores – éticos, estéticos, políticos etc. –, os quais não podem ser completamente dissociados uns dos outros, nem matemática ou cientificamente quantificados ou calculados. Nesse sentido, quanto mais diálogo e polêmica sobre uma obra literária forem despertados por diferentes perspectivas críticas, tanto melhor e mais salutar, porque não se trata de uma disputa entre os críticos em torno da descoberta de uma verdade última, senão do enriquecimento de uma conversação cultural interminável. A crítica, assim compreendida – e esse ponto é extremamente atual –, é somente uma etapa de um longo e democrático diálogo cultural. O leitor – crítico-do-autor e crítico-do-crítico –, no fim das contas, vai estabelecer seu próprio julgamento em relação às obras. E o valor artístico – sempre discutível, obviamente – será um produto, necessariamente dinâmico e mutável, constituído a partir não da determinação autoritária, mas do diálogo e das polêmicas. Não é possível um consenso racional, no sentido habermasiano, aceito por todos os homens (dotados de racionalidade) a respeito de questões de apreciação estética ou moral. Em crítica, devemos aceitar a contingência dos valores; porém – e aqui está o valor da crítica como a compreendia Álvaro Lins – não devemos abandonar nossa perspectiva, particular e intransferível, pois só a partir dela podemos avaliar e reavaliar continuamente nossos próprios valores.

Álvaro Lins esteve sempre preocupado em pensar as relações entre a literatura e a vida concreta; a pertinência social e espiritual das manifestações artísticas literárias. A variedade de temas contemplados por ele em seus rodapés de crítica, sua preocupação intelectual abrangente, ligada a um projeto – ou pelos menos a uma visão pessoal – de homem e de sociedade, atesta sua filiação à tradição crítica humanista. Em seus ensaios de crítica literária, percebe-se a sutil dialética que ele invariavelmente tentava estabelecer – com maior ou menor sucesso em cada caso – entre as preocupações de ordem estética, as de tipo psicológico e aquelas de abrangência mais social e política.

O tipo de militância cultural e social que Lins exercia em suas colunas semanais no *Correio da Manhã*, um dos mais importantes e influentes periódicos do país naquele momento, adotava uma estratégia retórico-pedagógica que misturava as características e os tons da atividade professoral, da jornalística e, claro,

a da crítica cultural. No entanto, essa vocação militante à busca persuasiva não se confundia – pelo menos na maioria dos casos – com o tom panfletário ou de doutrinação ideológica ou religiosa. Seus textos convidavam os leitores a pensar por si mesmos, e não a acreditar em verdades indiscutíveis. O crítico e professor Antonio Candido, que atuou com excelência tanto na crítica jornalística quanto na acadêmica, apreciava essa tendência no pensamento do ensaísta pernambucano e advertiu que, no passado, a atuação dos críticos literários tinha alcance e repercussão muito mais abrangentes. O autor de *Formação da literatura brasileira*, em texto que serviu como prefácio do quinto volume do *Jornal de Crítica*, de Álvaro Lins, lembrou ainda que, em outras épocas, o crítico humanista era uma espécie de educador social que fornecia as normas da vida culta:

Nos tempos em que possuía, realmente, influência orientadora sobre a cultura, o crítico tendia a participar intensamente nos valores da sua época, falando como moralista, pensador, tanto como literato. Esperava-se dele uma espécie de norma, buscada no convívio das obras literárias e aplicada ao pensamento e ao comportamento. O século por excelência da crítica, o XIX, viu críticos universais e eficientes, ao mesmo tempo (não raro) pensadores, educadores no sentido largo, concebendo a crítica enquanto atitude geral do espírito e se sentindo obrigados a intervir na vida espiritual e social (Candido, 1947, p. 24).

É justamente essa disposição de atuar na sociedade e influenciar a reformulação de seus valores que Candido encontrava nos textos de Álvaro Lins. O crítico carioca chegou a afirmar que considerava Lins algo mais do que um mero crítico, pois seu pensamento atingiria, em certos momentos, autêntica estatura filosófica, pela “capacidade de relacionar, de estabelecer ligações em profundidade entre autor, obra, tempo, vida – que é justamente uma das características do espírito filosófico” (Candido, 1947, p. 12).

No tópico CCLXXIII de *Literatura e vida literária: notas de um diário de crítica*, o ensaísta propõe uma diferenciação, de fundamentação referidamente crociana, entre dois tipos de conhecimentos essenciais à vida humana, o proporcionado pela ciência e aquele que provém das criações artísticas:

Como podemos distinguir ciência e arte, desde que ambas visam a um conhecimento do homem e da natureza? Distinguem-se pela maneira de operar no ato de conhecer e pela forma de revelar o conhecimento. Uma se exprime em conceitos, a outra em imagens (Lins, 1963, p. 190).

Essa distinção é fundamental no pensamento de Lins. Para ele, o conhecimento científico não pode dar conta de certos aspectos da realidade e da experiência humanas que são fundamentais para a existência, tanto individual como coletiva.

Para finalizar estas reflexões, uma advertência se faz necessária: a partir de uma leitura sistemática e cronologicamente ordenada dos artigos e ensaios de Álvaro Lins, é possível perceber, com certa frequência, flutuações de opinião, ou pelo menos uma sensível mudança de tom, em seus posicionamentos a respeito de temas estéticos, éticos, políticos e religiosos. Acreditamos que tais variações, ainda que algumas vezes tenham sido verdadeiramente radicais, não atingem os fundamentos do pensamento crítico apresentados neste estudo, e não devem ser entendidas, pelo menos não em sua maioria, como instabilidade de critérios ou insegurança teórica, senão simplesmente como sinal de que o

crítico estava constantemente em transformação, aberto à aprendizagem, num processo genuíno de autoformação intelectual e estética que só se fez possível por meio do exercício concreto da crítica e do contato direto com as obras literárias que ele analisou. Álvaro Lins, em sua crítica literária jornalística, propunha-se a atuar efetivamente num mundo que, antes de tudo, atuava nele mesmo. Um crítico da contingência, portanto.

A natureza contingente da crítica literária se deve à sua origem como gênero jornalístico (Eagleton, 1999), que deve lidar com o efêmero, com o circunstancial. Enquanto o teórico frequentemente almeja criar um vocabulário – ou simplesmente repetir um jargão criado por outros teóricos – que seria, em sua pretensão, eternamente aplicável a toda sorte de texto literário, o crítico, por sua vez, é obrigado a lidar com o dinamismo próprio do desenvolvimento literário, com os conflitos entre a atualidade e a tradição herdada, com a própria reforma pessoal e com as transformações sociais, de valores e de vocabulário.

As teorias são construções intelectuais proveitosas e saudáveis quando se reconhecem como perspectivas possíveis de interpretação, mas podem se tornar ilusórias, falazes e autoritárias quando têm a pretensão de assumir um lugar privilegiado de avaliação crítica, substituindo as outras perspectivas e negando a validade das demais manifestações da crítica literária, como se pôde ver no caso particular de Álvaro Lins, ensaísta e crítico de jornal que fez da relação agonística entre a teoria da literatura e a prática concreta da crítica literária no jornalismo uma fonte de reflexões que, bem meditadas, servem também aos nossos dias.

UNSUBMISSIVE CRITIQUE: ÁLVARO LINS AND THE RESISTANCE TO THE MYSTIFICATIONS OF THEORY

Abstract: The article proposes a reflection on the arguments of the literary critic Álvaro Lins in defense of the practice of journalistic criticism as an intellectually rigorous activity and apt to deal with the complexity of the literary phenomenon. The posture of caution and skepticism in relation to the real ability of monistic and generalizing theories and systematizations to fully account for the complexity of literary reality is one of the hallmarks of the thought of the literary critic from Pernambuco, one of the most important and influential representatives of the so-called *Crítica de Rodapé*.

Keywords: Álvaro Lins. Literary criticism. Journalism. Literary theory. *Rodapé Criticism*.

REFERÊNCIAS

- CANDIDO, A. Um crítico. In: LINS, A. *Jornal de crítica*: 5ª série. Rio de Janeiro: José Olympio, 1947. p. 11-35.
- EAGLETON, T. *La función de la crítica*. Barcelona: Paidós, 1999.
- LINS, A. *Jornal de crítica*: 1ª série. Rio de Janeiro: José Olympio, 1941.
- LINS, A. *Jornal de crítica*: 2ª série. Rio de Janeiro: José Olympio, 1943.
- LINS, A. *Jornal de crítica*: 3ª série. Rio de Janeiro: José Olympio, 1944.
- LINS, A. *Jornal de crítica*: 5ª série. Rio de Janeiro: José Olympio, 1947.

LINS, A. *Literatura e vida literária*: notas de um diário de crítica. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1963.

MARTINS, W. *A crítica literária no Brasil*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, Imprensa Oficial do Paraná, 2002. 2 v.